

**UM PANORAMA DA VIDA E DA OBRA DE JOÃO ANTÔNIO
A PARTIR DA COLEÇÃO JÁCOMO MANDATTO.**

Telma Maciel da SILVA

Terapêutica, forma estranha de vingança e reconstrução, cópula mental, namoro comigo mesmo, luz, fonte, martírio e insatisfação também. Seriam necessários muitos adjetivos, advérbios, substantivos e verbos para esclarecer o que se passa comigo diante da literatura. Jácomo, ela me arranca do caos. Puxa-me pelos cabelos, pelas pernas, pelas ventas. Como naquele diário imenso (e de tão poucas palavras) que Emanuelle Riva repete: “Tu me matas. Tu me consolares”. Assim. Como em “Hiroshima, mon amour”.¹ (João Antônio, em carta a Jácomo Mandatto, datada de 24/05/1963)

O escritor João Antônio fez sua estréia na literatura em 1963, com a publicação, pela editora Civilização Brasileira, da coletânea de contos *Malagueta, Perus e Bacanaço*. Este se tornou um de seus livros mais premiados no Brasil, inclusive com dois Jabutis no ano de sua publicação. Além disso, a obra foi traduzida, em parte ou integralmente, para diversas outras línguas, das quais podemos citar o espanhol, o alemão e o tcheco.

A história de prêmios trilhada pelo livro tem início ainda antes de sua publicação pela Civilização Brasileira, com a participação do autor em concursos de contos espalhados pelo Brasil. Um exemplo disso é o conto “Meninão do caixote”, que recebeu uma menção honrosa do júri, pelo segundo lugar no concurso promovido, em 1961, pelo Centro Itapireense de Cultura e Arte, que era dirigido por um grupo de jovens artistas e intelectuais da cidade de Itapira, interior de São Paulo.

O que importa neste episódio é que, dentre as pessoas com as quais o contista entrou em contato, e de quem se tornaria amigo, está o jornalista Jácomo Mandatto, um dos dirigentes do “Centro Itapireense de Cultura e Arte” na época. Destas primeiras relações, estabelecidas por conta do segundo lugar obtido por “Meninão do caixote” no citado concurso, nasceu uma sólida amizade, que durou mais de quarenta anos, encerrada somente com a morte de João Antônio em 1996.

A partir de 1962, Mandatto passa a juntar todo o material de e sobre o escritor com que tem contato. Além disso, a troca de cartas entre ambos torna-se cada vez mais freqüente. Em 2002, estes documentos foram doados ao Arquivo João Antônio, depositado nesta entidade, o qual abriga uma série de pesquisas em diversos níveis a respeito do autor.

A tais documentos demos o nome de *Coleção Jácomo Mandatto*. Esta é composta, por um lado, de material de caráter mais público, como artigos, reportagens, críticas, entrevistas, e

até convites de lançamento de livros. Por outro lado, há também aqueles de caráter mais pessoal, como fotos e correspondências.

O presente trabalho, em nível de iniciação científica, foi iniciado em fevereiro de 2003. Até aqui, vimos trabalhando na descrição detalhada de cada um dos documentos. Para isso, eles foram divididos em categorias, tais como **textos jornalísticos, cartas, fotos e textos avulsos**, sendo esta última uma categoria mais híbrida, com diversos tipos documentais, que vão desde cópias de originais datilografados até simples convites para lançamentos de livros.

Transcorridos cerca de um ano e meio de pesquisa, estamos na fase de finalização da descrição detalhada de todo o material. O primeiro passo, após a definição das categorias, foi descrever todos os textos jornalísticos, que somam quase duzentos títulos. Para esses documentos, e também para os demais, utilizamos o critério cronológico. Assim, eles estão basicamente divididos nas décadas de 60, 70, 80 e 90 do século XX, mas existem também alguns poucos dos anos de 2000 e 2001.

Já a partir dos textos jornalísticos foi possível tirar algumas conclusões importantes acerca da dinâmica estabelecida pelo autor em sua produção literária. Vimos que a década de oitenta é soberana no que diz respeito ao número de artigos publicados na imprensa por e, principalmente, sobre João Antônio.

A descrição detalhada que fizemos dos artigos na primeira fase do projeto nos permite observar as especificidades de cada período. Exemplos disso são as décadas de Sessenta e Noventa, que apresentam, respectivamente, o lançamento de *Malagueta, Perus e Bacanaço* e a morte de João Antônio como temas centrais da maioria dos artigos.

No entanto, enxergamos alguns traços comuns, que se mantêm ao longo destes quase quarenta anos de textos publicados sobre o escritor. Desde o livro de estréia são destacados o caráter revolucionário de sua escrita – abandono da sintaxe tradicional, inserção de gírias e de falas populares etc – e a escolha do tema, do qual é salientada a identificação do narrador com as personagens, bem como a aproximação do contista com estas, como fator essencial de seu processo criativo.

A vida e a obra de João Antônio são elementos associados em todos os períodos que compõem a *Coleção* de artigos. Infância pobre na periferia de Osasco, gosto pela vida boêmia, o incêndio que destruiu sua casa e os originais de seu livro de estréia e a sua atuação como repórter em órgãos importantes da imprensa brasileira são elementos que aparecem com frequência relacionados ao seu processo criativo.

O posicionamento crítico do escritor frente às questões sociais faz com que a sua escrita, bem como a sua biografia, sejam comumente ligadas à de Lima Barreto. O nome do autor carioca é, também, uma constante nos artigos de todas as décadas. Alguns textos, inclusive, são dedicados inteiramente à relação entre Lima Barreto e João Antônio. Nesse ponto, vale lembrar a admiração do autor de *Leão-de-Chácara* para com o escritor de *Triste fim de Policarpo Quaresma*, a quem dedicou a quase totalidade de seus livros.

Terminada a descrição dos artigos de jornal, partimos para as cartas remetidas por João Antônio a Jácomo Mandatto. São mais de duzentas missivas enviadas ao longo de quase quarenta anos. No entanto, há um hiato na correspondência entre o contista e o jornalista itapireense. Este hiato corresponde quase que totalmente ao período em que o autor ficou sem publicar livro. A troca de correspondência entre João Antônio e Jácomo Mandatto na década de setenta tem início no ano de 1975. Foram quase dez anos entre a última carta do escritor, enviada nos anos sessenta – em 05 de janeiro de 1966, pouco menos de três anos depois da publicação de *Malagueta, Perus e Bacanaço* – até a primeira da década de setenta, remetida em 22 de julho de 1975.

Em resposta ao amigo que lhe perguntara o que tinha feito naqueles quase dez anos, João Antônio diz:

Não economizei dinheiro, nem esperma. Dei duas entradas em sanatório, remexi muitos empregos e até o momento não peguei cadeia. Trepei o que pude, bebi outro tanto, viajei um pouco (minha grana sempre foi curta) sempre a trabalho. Casado e pai, descasado, casado de novo, hoje tenho uma bandeira: “Mulher, mulheres”. O resto são mulheres.²

Reatada a epistolografia, Mandatto se tornaria um dos mais importantes colaboradores de João Antônio. Não há trabalho que o contista desenvolva para o qual não peça a colaboração do amigo, tanto na divulgação quanto no que diz respeito a uma opinião crítica.

Além disso, o escritor dava todo o subsídio necessário para a produção de textos a seu respeito. Muito do que compõe a coleção de *textos avulsos* foi enviado por carta, mas não permaneceu em seu lugar original, provavelmente porque eram textos que serviriam de base para os artigos de Mandatto.

Muitas vezes o escritor enviava os originais de documentos que gostaria que Mandatto arquivasse e pedia para que este fizesse cópia e lhe devolvesse o original em carta futura. Tal procedimento foi amplamente utilizado, em vários momentos João Antônio chega a enviar listas de originais de textos que o jornalista itapireense deveria devolver-lhe.

As cartas remetidas por Mandatto a João Antônio – estas encontradas no acervo do escritor – são em número bem menor do que aquelas enviadas a Mandatto por João Antônio. O total encontrado no Acervo é de apenas 67; no entanto, sabemos que este número pode ser maior, pois há na *Coleção* doada pelo jornalista algumas cópias de cartas que não correspondem àquelas que tínhamos em mãos.

Algumas dificuldades são bastante prementes no trabalho com estes documentos. A primeira delas está no fato de essas cartas serem oriundas diretamente do acervo pessoal do escritor, estando, portanto, fora da *Coleção Jácomo Mandatto* propriamente dita. Isto se coloca como uma das dificuldades, pois existe a possibilidade de que parte destas cartas tenha-se

perdido, ou, ainda, que esteja imersa no imenso montante de correspondências do autor que ainda não foram organizadas.

Por outro lado, há também a possibilidade de que Mandatto realmente tenha escrito muito menos que João Antônio, já que o fluxo de missivas enviadas por este era, muitas vezes, bastante alto, chegando a escrever mais de três cartas na mesma semana em certos momentos. Além disso, em algumas ocasiões encontramos reclamações por parte do escritor que bradava contra o amigo por este não lhe ter respondido prontamente. Isto, porém, não explicaria, por exemplo, o porquê de não ter sido encontrada uma única correspondência do jornalista na década de sessenta.

Tais informações, aliadas ao fato de que o contista tinha criado verdadeira obsessão pela auto-promoção, o que o levava a tentar difundir as suas atividades por meio dos amigos e colaboradores, deixam realmente a idéia de que ele tinha muito mais interesses em escrever a Mandatto. Vale ressaltar que não estamos afirmando aqui que o jornalista não tivesse interesses na manutenção daquela epistolografia. Estamos dizendo que talvez os níveis fossem diferenciados. Há também o fato de que Mandatto, por mais de uma vez, compôs o poder legislativo local, ocupação que tomava grande parte do seu tempo. Em diversas missivas do período – década de 80 – ele reclamava ao amigo do excesso de trabalho que a sua função lhe infligia.

Embora cada carta seja um documento único e, portanto, de grande importância para o entendimento do todo, não acreditamos que as possíveis cartas com que não tivemos contato possam mudar o rumo das conclusões prévias a que temos chegado até o momento.

As missivas de Mandatto trazem uma consonância quase total no que diz respeito às conclusões a que chegamos no estudo daquelas enviadas pelo escritor. Ocorre, como era de se esperar, uma mudança de perspectiva, já que a voz que fala é outra. Mas, no geral, nenhuma grande informação nova é acrescentada, o que, é claro, não significa que tal conjunto tenha menor importância do que o outro. Na verdade, trata-se de conjuntos que se auto-explicam, ou seja, não necessitam do outro para a obtenção de seus significados. Assim, raramente foi preciso retomar uma missiva de João Antônio para fazer a descrição de uma de Mandatto, ou vice-versa. O que cada coleção permite é perceber claramente o universo de cada um dos autores e o modo como encaram as questões que lhes vão sendo suscitadas através dos anos.

Ainda estamos descrevendo a categoria a que denominamos *textos avulsos*. Ela é composta por diversos tipos de documentos; assim, estamos estabelecendo subcategorias e procedendo ao mesmo método utilizado naquelas cujo trabalho já foi encerrado.

Entramos agora na fase final do trabalho de sistematização da *Coleção Jácomo Mandatto*. A cada novo conjunto de documentos sistematizados compreendemos mais a importância que esta *Coleção* tem para os estudos que vêm delineando-se em torno da produção “joãoantoniana”.

Todas as categorias caminham na direção de confirmar algumas hipóteses que temos traçado desde o primeiro momento da pesquisa. A formação por parte do contista de uma espécie de teia de colaboradores é uma dessas conjecturas.

À medida que avançamos o trabalho com a *Coleção Jácomo Mandatto*, fica mais nítido o esforço de João Antônio na manutenção de um grupo de sustentação da sua prática militante em prol da sua produção literária. Percebemos, também, que Mandatto era uma figura central desta teia de colaboradores. Os próprios documentos – a quantidade e o esmero de pesquisador com o qual foram tratados – configuram-se num indício de que o jornalista ocupava uma posição privilegiada.

É interessante observar que cada documento, ao afirmar a sua importância individual, acaba por reforçar também o seu valor coletivo. Assim, vemos delinear-se um todo coeso que, certamente, trará à tona mais questões de elevada relevância para esta e para as demais pesquisas sobre o autor.

Notas

¹ João Antônio em carta a Jácomo Mandatto, datada de 24/05/1963

² J. Antônio, 1975